

# FELIZ O HOMEM JUSTO: SALMO 1

Me. Ivone Brandão de Oliveira\*

## RESUMO

*Dentro de um contexto retributivo, onde se afirma que o justo é abençoado e o ímpio castigado, a realidade contradiz a afirmação. O Salmo 1 é uma reflexão sapiencial sobre a felicidade daquele que decide seguir os caminhos de Deus. Mesmo que os ímpios sejam aqueles que decidem, conforme seus interesses, os rumos da sociedade, o justo não se deixa seduzir; pelo contrario, ele decide pelo caminho ditado por seu coração, busca seu alimento na Lei de lahweh e fortalece sua decisão na certeza de um futuro garantido por aquele que é fiel à Aliança.*

**Palavras-chave:** *Justo/ímpio. Caminho. Árvore/palha. Julgamento. Lei de lahweh.*

## ABSTRACT

*Within a context of pay, which states that the just is blessed and the wicked punished, the statement contradicts the reality. Psalm 1 is a reflection of wisdom about happiness that you decide to follow God's ways. Even the wicked are those who decide according to their interests, the direction of society, the fair is not seduced; the contrary, he decides the path dictated by his heart, seeking their food in the Law of Yahweh and his decision strengthens the certainty a secure future for the one who is faithful to the Covenant.*

**Keywords:** *Fair/wicked. Path. Tree/straw. Trial. Law of Yahweh.*

---

\* Mestre em Teologia Dogmática, com concentração em Estudos Bíblicos, pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, de São Paulo; Mestre em Ciências da Religião, na Área de História e Literatura Bíblica, pela Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo; Licenciatura em Pedagogia e Filosofia pela Faculdade Salesiana de Filosofia Ciências e Letras de Lorena.

## INTRODUÇÃO

O Salmo 1 é a porta de entrada no Saltério. É uma obra de arte que convida o leitor a acolher uma mensagem que perpassa toda a Escritura: deliciar-se com o ensinamento de lahweh. O Salmo é fruto da fé amadurecida do povo e seu estudo literário-histórico leva à contemplação das perspectivas teológico-éticas deste escrito. Nele, nos defrontamos com o rosto de Deus, com a relação do ser humano com ele mesmo, com seus semelhantes, dentro da História.

Salmo 1<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Feliz o homem  
que não vai ao conselho dos ímpios,  
não pára no caminho dos pecadores  
nem se assenta na roda dos zombadores.

<sup>2</sup>Pelo contrário:  
seu prazer está na lei de lahweh,  
e medita sua lei dia e noite.

<sup>3</sup>Ele é como uma árvore  
plantada junto a riachos:  
dá seu fruto no tempo devido  
e suas folhagem nunca murcham;  
tudo o que faz é bem sucedido.

<sup>4</sup>Não são assim os ímpios!  
Pelo contrário: são como a palha que o vento dispersa...

<sup>5</sup>Por isso os ímpios não ficarão de pé no Julgamento,  
nem os pecadores no conselho dos justos.

<sup>6</sup>Sim, lahweh conhece o caminho dos justos,  
mas o caminho dos ímpios perece.

---

<sup>1</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

## **1. O VOCABULÁRIO DOMINANTE**

O texto acentua algumas palavras que ajudam a compreender o conteúdo da mensagem. Por um lado, aparecem os “ímpios” nos v.1.4.5.6 e eles estão relacionados com os pecadores (v.1.5) e os zombadores (v.1). De outro lado, aparece o “justo” somente nos últimos versículos (5.6), correspondendo ao homem “feliz” do v.1.

A “Lei de lahweh” aparece duas vezes, em paralelismo, no v.2.

A oposição entre os ímpios e os justos se faz presente pela partícula negativa “não”/“nem” (v.1.4.5), com a expressão repetida o “pelo contrário” (v.2.4).

A expressão “feliz” (ou bem-aventurado) do v.1 contrapõe-se ao “não são assim os ímpios” (v. 4), equivalente a ‘maldito’, o perverso.

### **1.1. As imagens**

As imagens que se destacam estão diretamente relacionadas com a oposição existente entre o homem justo e os ímpios.

O projeto de vida dos ímpios é como um caminho, mas por ele o justo não anda e nem chega a deter-se. O caminho conduz à reunião, ao assento, como em um conselho. Nessa assembléia estão assentados os bem instalados, os que dão as cartas. O movimento do justo vai em direção oposta. Ele nada tem com os perversos: nem anda, nem pára, nem se assenta. Seu caminhar direciona para outra assembléia: a dos justos.

O lugar do justo é a “Lei de lahweh”, lugar de seu prazer constante: dia e noite.

No v. 3 encontramos a imagem central: “a árvore”. Plantada em terreno bem irrigado, suas folhagens são perenes e os frutos são certos, no tempo previsto. A preocupação do salmista é comparar a vida do justo com a árvore: “tudo o que faz terá êxito”.

Na segunda parte, o personagem principal é o ímpio. A imagem que ele representa é oposta à do justo: é palha que o vento leva. Em oposição à assembléia dos justos (v.5), os ímpios que se assentavam e davam as

cartas, no futuro tribunal, não terão vez nem assento e nem ficarão de pé para proclamar a sentença de julgamento.

A última imagem opõe o caminho dos justos, conhecido por lahweh, e o caminho dos ímpios que conduzem à morte.

Em síntese, pode-se esquematizar em forma de quiasmo o Salmo 1:

- A. Caminho
- B. Roda dos zombadores
- C. Árvore
- C'. Palha
- B'. Assembléia dos justos
- A'. Caminhos

## **1.2. Gênero literário, época de composição e substrato sociológico**

O Salmo 1 é classificado como salmo sapiencial (Sl 49; 112; 128; 73). Os sábios refletem, exortam e estão preocupados com a felicidade dos ímpios e a infelicidade dos justos. O ambiente reflete a teologia da retribuição: o ímpio, mais cedo ou mais tarde, será castigado e o justo, abençoado. A comunhão com Deus sobrepassa todas as desgraças do presente.

A estrutura do poema segue o esquema litúrgico da bênção/maldição, típico da celebração de renovação da Aliança (cf. Dt 28,1-46; 30,15-20). A expressão: “feliz” ou “bem-aventurado”, corresponde ao abençoado. (cf. Jr 17,5-8).

A expressão “Homem” não se refere ao indivíduo, mas a toda pessoa fiel à Aliança. É expressão da coletividade, personificada num indivíduo.

Este salmo é, possivelmente, um texto litúrgico, usado por ocasião da renovação da Aliança. É possível que se enquadre na Festa das Tendias, como em Dt 31,9-13. Trata-se de um salmo de época tardia, com linguagem sapiencial, comum na etapa final do Primeiro Testamento. Quanto à época, se encaixa no período pós-exílio, entre os séculos IV e II. Pela semelhança de linguagem, com o livro da Sabedoria (séc. I), supõe-se um ambiente de dominação estrangeira, com opressão política.

O salmo também permite supor um conflito entre cidade e campo, conflito que se caracterizou pela exploração econômica, pela opressão social e pela dominação política e ideológica, interna e externa.

## 2. “FELIZ O HOMEM”

<sup>1</sup>Feliz o homem  
que não vai ao conselho dos ímpios,  
não pára no caminho dos pecadores  
nem se assenta na roda dos zombadores.

O poema é proclamação da bênção sobre o justo. Em contraste com ele, aparece o ímpio. Este não é amaldiçoado, mas está aí para destacar o justo. O que interessa é a proclamação da bênção.

A palavra, “bem-aventurado”, vem do grego *makários* que, por sua vez, é uma tradução da palavra hebraica *ashrei*. Esta palavra aparece 43 vezes na Bíblia hebraica. Ela se encontra no plural e sua raiz é *ashar*. O sentido de *ashar* é muito significativo. Segundo sua vocalização, ela toma um colorido novo: caminhar, passo, felicitar, dita, felicidade.

No hebraico, *ashar* pode ser encontrada no primeiro grupo verbal (Qa). Aqui ela tem o sentido de “caminhar”, “pisar”, como aparece em Pr. 9,6: “segui o caminho da inteligência”.

Os dicionários etimológicos do hebraico bíblico dão como primeiro sentido ao radical *ashar* o de “*marchar*”; “ser feliz” é um sentido secundário e tardio. Levando em conta essa afirmação, podemos dizer que a bem-aventurança não se situa no início da frase, mas em seu final, a Lei de lahweh. A palavra traz dentro de si o dinamismo da marcha, da caminhada para a realização da vida humana. Homens e mulheres buscam a felicidade e esta se encontra em cada passo dessa marcha.

A raiz da palavra não evoca uma vaga felicidade de essência hedonista, mas implica uma retidão do homem marchando na estrada sem obstáculos que leva a lahweh.<sup>2</sup> Assim, a palavra é dinâmica. O justo “bem-aventurado” é aquele que toma posição: “ele segue o caminho de lahweh e rejeita o partido dos ímpios”.<sup>3</sup>

O “ímpio” é aquele que tem um comportamento negativo, prejudicial à comunidade. Quem são os ímpios? O livro dos Salmos caracteriza-os de

<sup>2</sup> CHOURAQUI, André. *A Bíblia – Matyah*, p. 84.

<sup>3</sup> OLIVEIRA, Ivone Brandão. *Caminhar para o Reino com as bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 2005, p.14-16.

forma muito incisiva. “São os que odeiam o justo” (Sl 34,22), os malfeitores (Sl 28,3; 92,8; 101,8; 141,9s.), malvados (Sl 26,5; 37,9s), violentos (Sl 71,4; 11,5; 140,5), sanguinários (Sl 17; 31; 37,5), orgulhosos (Sl 94,2), ricos (Sl 17,13s), mentirosos (Sl 58,4; 109,2). São os que oprimem e perseguem o pobre como leões (Sl 10), corrompem tudo e devoram o povo pobre (Sl 14); são os amigos falsos (Sl 55,4; 109,2), fingidos (Sl 28,3), são gente que planeja o mal na sombra (Sl 10,7ss.; 17,9ss.; 140,9s).<sup>4</sup>

No Salmo 1, o ímpio está associado aos pecadores e aos zombadores. Pecador é aquele que falta à solidariedade com os necessitados.

Os zombadores são pessoas *arrogantes que agem no ardor de sua insolência* (Pr 21,24), são os responsáveis por *rixas, litígios e humilhações, agitam a cidade* (cf. 22,10; 29,8) e não andam com os sábios (Pr 15,12).

Os ímpios, pecadores e zombadores atuam de forma colegiada, planejando suas decisões, quando sentados. Eles formam um conselho. A palavra *conselho* pode ser traduzida por *estratégia, designio, projeto ou idéia*.<sup>5</sup>

Os verbos que acompanham a posição do justo são significativos: “*não vai*”, “*não pára*”, “*não se assenta*”. Todos os verbos no hebraico estão no tempo perfeito, indicando um modo definido de agir. O justo resiste à prática dos malvados, opõe-se a eles, ao seu modo de viver.

### 3. O PRAZER NA TORÁ DE IAHWEH

<sup>2</sup>Pelo contrário:  
seu prazer está na lei de lahweh,  
e medita sua lei dia e noite.

O versículo 2 volta-se para o justo que age em oposição ao ímpio. O justo se dobra sobre a Torá. A “Lei” refere-se à Torá, o conjunto dos cinco primeiros livros bíblicos, chamados também de Pentateuco. A tradução por “Lei” não esgota o seu sentido porque a Torá é muito mais ampla; ela, além das normas jurídicas, conta a história do povo, formando um conjunto que apresenta a relação de aliança de Deus com o povo. Na Torá, encontra-se

<sup>4</sup> SOARES, Sebastião A. Gameleira. *Abençoado o Homem (Leitura do Sl 1)*. In CEBI, Reflexos da Brisa Leve, São Leopoldo: Sinodal, 1991, p.70.

<sup>5</sup> GRENZER, Matthias. *Salmo 1 – Prazer com o ensino de lahweh*, p.14.

um amplo *ensino* que se forma a partir de uma experiência histórica de libertação e se concretiza em um direito. Juntas: história e Lei definem o rumo do povo escolhido.

O justo se concentra na Torá de lahweh, sente seu prazer em meditá-la, em murmurá-la, dia e noite. A Torá é a grande pedagoga que instrui, corrige e encaminha (SI 94,12). O prazer só é encontrado onde está o amor. O justo é aquele que ama a Torá. Talvez o Salmo 119 indique alguns dos sentimentos que este justo experimenta diante do *ensinamento de lahweh*. A meditação da Torá é busca de todo coração (v.2.7.10-11.14.16.20.34-36.72). A pressa de encontrá-la dinamiza a vida (v.32.60), pois é objeto de amor (v.47.76). Meditar a Torá é contemplar as maravilhas realizadas por lahweh, na História do povo (v.18.27). A Torá é desejo, delícia, prazer, promessa, consolo, doce ao paladar, vida. Ela é luz para os passos, lâmpada que ilumina e traz discernimento (v.105.130). Ao levá-la a sério, a pessoa se torna feliz porque, ao observar o direito e a prática da justiça (SI 106,3), assume o projeto divino de construção de uma sociedade alternativa, marcada por relações de igualdade e justiça.

O prazer que o justo encontra no *ensino de lahweh* é tão significativo que ele (o) *medita dia e noite*. Alguns exegetas traduzem “meditar” por *murmurar* e *ruminar*. Essa última palavra significa um processo de lenta assimilação, que deixa calar no mais profundo do ser. Assim, a palavra *meditar* significa, no contexto, assimilar o ensinamento, trazê-lo para o coração, transformando-o em vida. Vale lembrar o que lahweh disse a Josué depois da morte de Moisés, empossando-o para levar avante a missão de estabelecer o povo na terra. “*Que o livro desta Lei esteja sempre nos teus lábios: medita nele dia e noite, para que tenhas o cuidado de agir de acordo com tudo que está escrito nele*” (Js 1,8). É preciso *meditar* a Torá para que ela transforme a vida do povo, segundo os critérios divinos.

Assim se estabelece uma relação de proximidade entre o justo e lahweh. A Palavra é ruminada, mastigada, transformada em vida. Sua intimidade é semelhante à comunhão de quem come o mesmo pão e partilhar da mesma mesa. É o próprio Deus que se torna alimento do justo.

O justo que encontra seu prazer na Torá de lahweh está em confronto com pessoas que pensam e agem de modo diferente ao dele. Ele se delicia na Torá, mas vive em conflito com grupo opositor. O justo participa da caminhada do povo eleito, marcada por sucessivas crises, desânimos

e desistências diante dos *ímpios, pecadores e zombadores* que parecem dominar a convivência e as relações sociais. Ele precisa ser sustentado na sua esperança.

#### 4. O JUSTO É ÁRVORE PLANTADA JUNTO ÀS ÁGUAS

<sup>3</sup>Ele é como uma árvore  
plantada junto a riachos:  
dá seu fruto no tempo devido  
e suas folhagem nunca murcham;  
tudo o que faz é bem sucedido.

O poeta agora se serve de imagens para comparar o que acontece com o homem que encontra prazer no ensino de lahweh: ele é como uma árvore cheia de vida. Por ser plantada junto às águas, ela foi transplantada de seu *habitat* natural para um outro, com condições mais favoráveis para seu desenvolvimento. Quem a plantou espera que ela ofereça sombra (*suas folhagem nunca murcham*) e frutos em abundância (*dá seu fruto no tempo devido*). O transferir de um lugar para outro lembra o Êxodo. A entrada na terra de Canaã acontece pela promessa, quando lahweh assegurou que o conduziria para uma terra *boa e vasta, terra que mana leite e mel* (cf. Ex 3,8). Foi lahweh quem *plantou* (Is 5,2) Israel *junto a canais de água*, no meio de outras nações. Ele presenteou seu povo, libertando-o do braço forte do faraó. O justo que se debruça sobre a *Lei de lahweh* sabe disso, pois é a própria Torá que o ensina.

A imagem da árvore nos remete a outros textos bíblicos. Jeremias fala que suas raízes se alongam em direção às torrentes de água, de modo a não temer o tempo da seca (Jr 17,8). Ezequiel imagina a bênção sobre o povo como videira plantada e bem irrigada, de cepa vigorosa e ramos numerosos. Sua altura eleva-se até o céu (cf. 19,10-14; 17,5-10). “Vinha” e “oliveira” são expressões de fertilidade na difícil terra de Israel (cf. Is 5,1ss.), simbolizam o milagre da vida, a bênção divina. O Sl 92,13.15 enfatiza a solidez e a altura que atinge o justo: é como a palmeira, como o cedro do Líbano, dando fruto, mesmo na velhice.

*A árvore dá seu fruto no tempo devido e suas folhas não murcham* (v.3). Sombra para o repouso e fruto para o alimento é o que espera aquele

que a plantou. Esta é a vocação de Israel: ser espaço de repouso e de vida abundante para todos.

A última frase do verso: *Tudo o que faz é bem sucedido* está em relação com o *homem feliz*, do início do salmo, que encontra seu prazer na Lei de lahweh. Não se trata de um *fazer* humano, porque o justo se encontra em comunhão com Deus. Na verdade, é lahweh quem faz alguém prosperar (Gn 24,21.40.42.56; 39,3.23; Sl 118, 25; Ne 1,11; 2,20; 2Cr 26,5).

A fonte da fecundidade é o próprio lahweh. O sol que ilumina e aquece essa plantação é a própria face de Deus (Sl 67,2). A água que irriga a nova árvore corre do santuário, lugar da habitação divina. Não só o fruto é alimento, mas suas folhas servem de remédio (Ez 47,12). Considerando o Novo Testamento, João ensina que a fonte da água é Jesus (cf. 4,10-15; 7,37-39) que comunica seu Espírito (7,39; 19,30.34). O discípulo é aquele que encontra a fonte de água viva (Jo 7,38).

## 5. O ÍMPIO É PALHA LEVADA PELO VENTO

<sup>4</sup>Não são assim os ímpios!

Pelo contrário: são como a palha que o vento dispersa...

O v.4 inicia a segunda parte do salmo, na qual será meditada, sobretudo, a figura dos ímpios e o seu futuro. Esta segunda metade do Salmo 1 trabalha de forma simetricamente oposta ao fim do versículo anterior que comparava o justo à árvore plantada junto às águas. A metáfora agora é da *palha que o vento dispersa*. As imagens são contrastantes. A palha, após ter cumprido sua função no processo de crescimento do grão, não é mais útil ao homem. Ela é sobra como *debulho* quando se extraem os grãos da espiga. Como nas sociedades antigas, o agricultor atual, sem recursos tecnológicos, lança para o alto os grãos, para deixar que o vento disperse a palha.

A imagem da palha mostra a inutilidade dos ímpios. Eles não chegam a ser nem mesmo árvore seca. São como palha somente: sem solidez são levados pelo vento, quando não, destinados ao fogo. Sua firmeza e determinação são apenas aparência. Eles estão destinados à queda e ao desastre. Tendem a murchar e secar depressa, perdendo a beleza como os campos durante a seca, deixando as plantas expostas ao fogo e fumaça (Sl 37,2.20).

Ao longo da Bíblia, “o vento de Deus” vai-se delineando como Espírito de Deus, a energia divina capaz de criar, destruir e renovar. É a força criadora e destruidora que atua na vida do justo e do ímpio. É o turbilhão que abala as montanhas para que tudo se renove (cf. Am 4,13; 5,8-9; 9,5-6). No confronto com o ímpio, o justo cresce e se fortalece, sob a ação divina.

## 6. A ASSEMBLÉIA DOS JUSTOS

<sup>5</sup>Por isso os ímpios não ficarão de pé no Julgamento,  
nem os pecadores no conselho dos justos.

O v. 5 apresenta dois paralelismos. Primeiramente, os ímpios aparecem ao lado dos pecadores. Em segundo lugar, as expressões no *juulgamento* e no *conselho dos justos* apresentam um ambiente judiciário.

Ao falar do justo, o salmo volta às antigas representações da retribuição: Deus abençoa o justo e castiga o pecador durante esta vida. A perspectiva que aparece no texto é a de um futuro para a *assembléia dos justos*. Pode ser interpretado numa perspectiva escatológica. Toda tradição profética enfoca a expectativa da assembléia no dia de lahweh, dia em que, finalmente, apareceria a diferença entre os justos e os ímpios (MI 3,12.16-21). É a mesma expectativa de Is 65,13-25. É a grande reunião da vitória cantada pelo SI 149, que se conclui com o hino de louvor do SI 150.

A razão da grande diferença é que há dois caminhos. O da luz e o das trevas (Pr 4,18-19). Não são estradas paralelas; elas se cruzam a cada momento. São caminhos opostos, em luta. Trata-se do caminho da vida e do caminho da morte (cf. Dt 30,15-20).

Além dessa dimensão escatológica, pode-se pensar que o salmista esteja tratando de uma questão social-jurídica. Como não há condenação dos ímpios por parte de Deus, a problemática enfrentada pelo justo acontece na realidade terrena. O salmista sonha com a transformação do mundo em que vive. Seu objetivo é prever a formação de uma sociedade em que os ímpios fiquem neutralizados/calados pela ação dos justos, reunidos em assembléia.

## 7. SER RECONHECIDO POR IAHWEH

<sup>6</sup>Sim, lahweh conhece o caminho dos justos,  
mas o caminho dos ímpios perece.

O último versículo tem caráter de resumo, culminando com o conhecimento que Deus tem do justo. O paralelismo se faz presente mais uma vez. Ele é antitético, confirmando a oposição entre o “*caminho dos justos* e o *caminho dos ímpios*” (v.6), presente em todo o Salmo.

Os opositores do justo aparecem pela sétima vez (ímpio - v.1.4.5.6; pecadores – v.1.5; zombadores – v.1). Em contraste, a presença do homem bom é rara. Ele é o *homem feliz* (v.1), solitário, que resiste aos ímpios. No final, o homem fiel à Torá de lahweh não se encontra mais só. Ele se encontra em assembléia com seus semelhantes (v.5) e termina com o termo no plural: *os justos* (v.6).

Chama-nos a atenção no final a presença de lahweh que atua pela primeira vez (v.6). Ele é conhecedor do caminho dos justos. “A frase não é ligada a um determinado momento histórico. Quer dizer, seu caráter é afirmar algo que vale sempre, no sentido que lahweh, em princípio e eternamente, é “*aquele que conhece o caminho dos justos*”.<sup>6</sup>

A palavra conhecer é fundamental no texto. Significa comunhão intensa, relação íntima, como a relação sexual entre homem e mulher. Este verbo marca a história entre lahweh e seu povo. Ele vê os israelitas, se faz conhecer (Ex 2,25) e conhece as suas angústias, como afirmou a Moisés (Ex 3,7). “*Conhecimento* é intimidade física (Gn 4,1), é chegar-se, para estar bem perto (Ex 2,25), escolher como objeto de predileção (Dt 9,24; Am 3,2; Os 13,5; Jr 1,5), cercar de cuidado e proteção (Sl 34,16; 37,5.10s.). Encontra-se em Pr 3,32 o dito: “Sua intimidade está com os retos”. O justo atinge a mesma condição de Abraão, pois a este Deus “reconheceu” (Sb 10,5) e o designou como seu amigo (Is 42,8); chega à altura de Moisés, com quem Deus conversava “face a face” (Nm 12,7-8). A intimidade do justo com Deus se manifesta através de seu “conhecimento” da Lei, e esta se transforma nele, irriga seu corpo, como o sangue, é seu alimento e seu prazer.

<sup>6</sup> GRENZER, Matthias. *Salmo 1 – Prazer com o ensino de lahweh*, p. 38.

A intimidade de Deus com o justo é experimentada na bênção, e esta se revela no próprio prazer de seguir os seus caminhos de Deus, penhor da alegria que gozará na assembléia final.

O prêmio do amor já é a própria experiência de amar [...].<sup>7</sup> Ao nível do esquema mais profundo do poema, alude-se à intimidade entre Deus e o justo, expressa na comunhão matrimonial da mesa e da cama: a Torá alimenta, o justo responde e Deus ao conhecer o caminho do justo, revela-se como Aquele que propõe a mais profunda intimidade com a pessoa humana.

O caminho dos justos chega a bom êxito, não por causa do esforço do justo, mas porque lahweh se dá a conhecer através da Torá e, sobretudo, porque o acompanha em seu caminho de fidelidade.

De forma diferente, o Salmo 1 afirma que “o *caminho dos ímpios perece*.” Deus não toma nenhuma posição diante do ímpio. Este fica entregue a si mesmo, e com isso, seu próprio caminho o conduz à autodestruição. lahweh se preocupa somente com aquele que tem seu prazer no *ensino da Torá*. Dessa forma, o Salmo 1 conclui invertendo as situações: os ímpios desaparecem e o homem fiel será integrado na *assembléia dos justos*.

## 8. POR QUE SURTIU?

O Salmo mostra o conflito entre o justo e os injustos. O justo é feliz por não participar da vida dos injustos. Os injustos parecem mais organizados: eles têm um conselho (v.1), enquanto o justo encontra-se só, sofrendo assédio, cerco e zombaria por parte deles. O justo sofre contínua tentação de passar para o outro lado. Os verbos do v.1 indicam a sedução: convidado para *ir, parar e assentar-se*. Seus adversários são muitos. No entanto, a posição que o justo toma é contrária: não *vai* ao conselho, não *pára* no caminho, não *se assenta* na roda. Eles são chamados de ímpios, pecadores e zombadores. Por que zombam? De quem zombam? Não seria justamente porque o justo confia em lahweh e espera dele uma resposta que não vem? Não seria por causa de sua posição solitária de justiça que não significa nada diante do número dos ímpios sentado em conselho?

---

<sup>7</sup> SOARES, Sebastião A. Gameleira. *Abençoado o Homem*, p.77-78.

O que estaria acontecendo no tempo em que surgiu o Salmo 1? Dois quadros brotam do Salmo: a realidade de um julgamento: conselho, assento (v.1), julgamento (v.5) e a vida no campo: árvore, água, fruto, folhagem, palha. Provavelmente, o problema esteja ligado à questão da terra, e o conflito entre cidade e campo. Nesse conflito, o camponês parece estar só, diante de um conselho de ímpios parados e assentados para receber tributos e julgar os infratores.

O criador do Salmo, provavelmente, era alguém ligado à luta dos camponeses, um porta voz de seus companheiros, que fazia do campo um grito de resistência.

## **CONCLUSÃO**

O Salmo traz para a oração os desafios da vida, num estilo sapiencial. O poeta aborda a questão da felicidade, num mundo onde ressalta a figura do ímpio que se sente seguro ao dar as cartas na sociedade. Nesse mundo, os justos encontram-se em contínuo processo de tensão e escolha: continuar fiel ao que brota do coração e que encontra resposta na Lei de lahweh, ou deixar-se levar pelas ofertas sedutoras do ímpio.

O salmista é o sábio que reflete e compara a vida dos dois personagens – ímpios e justos – e ajuda no discernimento. O homem deve decidir seu caminho, mas este tem futuro promissor, se fundamentado na Lei de lahweh. A garantia do futuro repousa em lahweh.

Ao falar da Torá de lahweh, o salmista está fazendo memória à tradição do Êxodo. Deus tirou seu povo do Egito e, no deserto, ofereceu seus mandamentos como sinal da sua Aliança. O Deus da Aliança está comprometido com a justiça e a sociedade alternativa, em oposição ao Egito.

O justo medita a Torá de lahweh noite e dia (v.2), porque Deus se comprometeu a ser o Deus de seu povo e a derramar suas bênçãos sobre aquele que mantém a fidelidade. lahweh é o aliado do justo contra os injustos. Deus faz justiça na história, mediante a organização e a luta dos justos.

## **BIBLIOGRAFIA**

- BIBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- BORTOLINI, José. *Conhecer e rezar os Salmos – comentário popular para nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2000.
- CHOURAQUI, André. *A Bíblia – Matyah (O Evangelho segundo Mateus)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GRENZER, Matthias. *Salmo 1 – Prazer com o ensino de Iahweh*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- OLIVEIRA, Ivone Brandão. *Caminhar para o Reino com as bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- SOARES, Sebastião A. Gameleira. *Abençoado o Homem (Leitura do Sl 1)*. In: CEBI, *Reflexos da Brisa Leve*. São Leopoldo: Sinodal, 1991.